



Universidade de Brasília

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
INSTITUTO DE LETRAS – IL  
CURSO DE LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVA LITERATURA

MARCIELE ARAÚJO DOS SANTOS

**HELENA SOB A ÓTICA PSICANALÍTICA**

BRASÍLIA/DF  
2016

MARCIELE ARAÚJO DOS SANTOS

**HELENA SOB A ÓTICA PSICANALÍTICA**

Monografia apresentada como requisito para  
obtenção do título de Licenciatura em Letras –  
Português pela Universidade de Brasília – UnB.  
Orientador: Prof. Dr. Wilton Barroso Filho

BRASÍLIA/DF  
2016

## HELENA SOB A ÓTICA PSICANALÍTICA

### RESUMO

O propósito deste trabalho foi compreender a psicodinâmica da personagem Helena do livro *Helena* de Machado de Assis (1876/2012). Como embasamento teórico epistemológico desta pesquisa, optou-se pelo olhar profundo da teoria psicanalítica conectada à Epistemologia do Romance. Por meio desta análise, verificou-se que Helena desejava inconscientemente a ascensão social e que sua morte foi uma estratégia de evitação causada pela vergonha.

**Palavras-chave:** Helena. Ascensão social. Morte.

### ABSTRACT

The purpose of this paper was to understand the psychodynamics of character Helena from Machado de Assis's (1876/2012) book *Helena*. The deep looking of psychoanalytic theory connected to romance's epistemology was chosen as the theoretical basis of this research. Through this analysis was found that Helena unconsciously desired social mobility; and that her death was an avoidance strategy caused by shame.

**Keywords:** Helena. Social Mobility. Death.

## 1 INTRODUÇÃO

A psicodinâmica de Helena, personagem da obra *Helena* (1876) de Machado de Assis, afigura-se como temática particular deste trabalho acadêmico. Escolheu-se, para embasamento teórico epistemológico desta pesquisa, o olhar profundo da teoria psicanalítica conectada à Epistemologia do Romance. A escolha se deve ao fato de a Epistemologia do Romance legitimar o texto literário romanesco como espaço possibilitador de conhecimentos acerca da existência, e a teoria psicanalítica compreender profundamente a natureza humana.

A Epistemologia do Romance - proposta metodológica criada por Wilton Barroso Filho e Maria Veralice Barroso - enxerga o romance como um solo rico para as reflexões e conhecimento acerca da condição humana. Essa metodologia propõe

a seguinte pergunta para as práticas interpretativas dos textos romanescos: “O que eu posso dele extrair como conhecimento sobre a condição humana na modernidade e para além dela?”. Dessa forma, pergunta-se nesta pesquisa: o que se pode saber a respeito da psicodinâmica da personagem Helena?

Sabe-se que as obras de Machado de Assis (1839-1908) são extremamente ricas no que diz respeito à natureza humana, o que as torna um campo fecundo para a reflexão sobre o homem. As personagens femininas do escritor se destacam, e Helena é uma delas. Essa personagem, no testamento do conselheiro Vale, foi reconhecida como sua filha natural e, por isso, era herdeira de seus bens, entretanto ela sabia que não era sua filha legítima e sustentou essa mentira por longo tempo.

A obra *Helena* foi publicada pela primeira vez em formato de folhetim em 1876 no jornal *O Globo*. Entretanto, para esta análise, o material empírico utilizado foi o livro *Helena* de Machado de Assis, da Coleção L&PM Pocket, volume 163, publicado em 2012. O livro apresenta 224 páginas, entretanto o romance é iniciado somente a partir da página 47. Antes disso, há nota sobre a edição; pequena biografia de Machado de Assis; e um panorama do Rio de Janeiro: alguns aspectos para compreender Machado de Assis.

Este trabalho foi estruturado em quatro tópicos: *Helena – mocinha ou vilã?* – no qual se aborda a questão das múltiplas interpretações, inclusive controversas, sobre a personagem Helena; *A representação do inconsciente no texto literário* – em que se mostra a possibilidade de haver motivos inconscientes no comportamento de personagens; *Análise da obra* – no qual se busca compreender a personagem Helena sob a ótica psicanalítica; e, por fim, *as considerações finais*.

## **2 HELENA – MOCINHA OU VILÃ?**

Helena é uma personagem cujas intenções e caráter não são revelados explicitamente por Machado de Assis, o que pode levar a diversos tipos de interpretações, inclusive controversas. Interessantemente, isso é comum nesses tipos textos, já que, conforme Proença (2007), a plurissignificação é a marca do texto literário.

Ao analisar uma obra, o que o estudioso literário deve fazer é enxergar o não dito, pois, nas artes em geral e na literatura, nada é óbvio e direto. Por isso esse

estudioso deve “demonstrar sensibilidade para ler além das linhas, as entrelinhas, para ouvir e ver além daquilo que é dito, ouvir e ver o que não é pronunciado” (FILHO; BARROSO, p.23).

É importante ressaltar que, apesar das obras literárias convidarem os leitores à liberdade de interpretação, pois “propõem um discurso com muitos planos de leitura e os colocam diante das ambiguidades e da linguagem e da vida” (ECO, 2003, p.12), é necessário um profundo respeito para com a interpretação textual, pois:

Os textos literários não somente dizem explicitamente aquilo que nunca poderemos colocar em dúvida, mas, à diferença do mundo, assinalam com soberana autoridade aquilo que neles deve ser assumido como relevante e aquilo que não podemos tomar como ponto de partida para livres interpretações (ECO, 2003, p.14).

Helena foi reconhecida pelo conselheiro Vale como filha natural e, por isso, era herdeira de seus bens, entretanto ela sabia que não era sua filha legítima e sustentou essa mentira por um longo tempo. Isso é fato, ou seja, é aquilo que não se pode colocar em dúvida. O que não foi dito na obra, e que pode levar a diversas interpretações, é, por exemplo, se Helena pretendia a ascensão social, ou o que estava por trás de sua morte.

Schwarz (2000), ao analisar a obra *Helena*, no livro *Ao vencedor as batatas*, diz que a protagonista principal do romance, Helena, não tinha pretensão de ascensão social: “Basta saber que Helena não tinha culpa no quiproquó, e que foi tudo uma fatalidade do destino” (p.123). Além disso, afirma que “Helena prefere a morte a ser suspeitada” (p.118). Dessa forma, o autor a vê como inocente e moralista.

Diferentemente de Schwarz, Camargo (2005) percebe a protagonista como dissimulada e trapaceira, cuja intenção era subir na vida. A morte de Helena, para o crítico, não é um sinal de moralismo, mas o fim do desejo da ascensão social: “o que restaria a esses pobres, em seus caminhos para ascensão social, seria a dissimulação, a trapaça, o engano, o embuste. No caso de Helena, restava-lhe apenas isso” (p.66).

Veem-se, então, duas interpretações diferentes a respeito de Helena, todavia esses pontos de vista não se esgotam. Nesta pesquisa, por exemplo, buscar-se-á compreender a personagem por meio das teorias psicanalíticas. Sabe-

se que “A interpretação psicanalítica de um personagem da literatura é uma das muitas possibilidades que tem o intérprete de enriquecer o patrimônio cultural” (FREITAS, 2004, p.24).

É importante salientar que o objetivo deste trabalho não é julgar Helena como boa ou má. Enxergá-la por apenas um desses lados seria uma forma de pensar bastante simplória e maniqueísta. O sujeito maniqueísta vê o mundo apenas de duas maneiras: o do bem e o do mal. Entretanto, esse pensamento reduz os fenômenos humanos a uma relação de causa e efeito, certo e errado, isso ou aquilo, é ou não é. Dessa forma, ela é deficiente e “nasce da intolerância ou desconhecimento em relação à verdade do outro e da pressa de entender e reagir ao que lhe apresenta como complexo” (LIMA, 2001, p. 2).

O “bem” e o “mal” fazem parte de todo ser humano, porém todas as culturas têm dificuldade para aceitar isso (LIMA, 2001). O homem, para Freud (1914/1972), não é um ser que somente pratica o “bem”:

[...] o ser humano não é um ser manso, amável, somente capaz de se defender quando o atacam. É lícito atribuir a sua dotação pulsional uma boa cota de agressividade. Em consequência, o próximo não é somente um possível auxiliar e objeto sexual, mas também uma tentação para satisfazer sua agressão, explorar sua força de trabalho sem ressarcir-lo, usá-lo sexualmente sem seu consentimento, dispor de seu patrimônio, humilhá-lo, lhe infligir dores, martirizá-lo e de matá-lo (p.180).

Além disso, não se pode classificar a natureza humana como boa ou má, pois esses conceitos são formulados com base nas exigências de uma vida em sociedade (FREUD, 1915/1972). Dessa forma, classificar Helena como boa ou má não faz parte do objetivo deste trabalho, mas sim compreender, com base na teoria psicanalítica, seu comportamento. Para a psicanálise, a compreensão do indivíduo se dá pelo entendimento das causas ocultas de seus comportamentos, as quais são regidas por um inconsciente.

### **3 A REPRESENTAÇÃO DO INCONSCIENTE NO TEXTO LITERÁRIO**

Freud (1932/1972) denomina inconsciente da seguinte maneira: “Denominamos inconsciente um processo psíquico cuja existência somos obrigados a supor – devido a um motivo tal que inferimos a partir de seus efeitos – mas do qual

nada sabemos”. Conforme o teórico, os processos mentais inconscientes “são em si mesmos intemporais. Isto significa em primeiro lugar que não são ordenados temporalmente, que o tempo de modo algum os altera, e que a ideia de tempo não lhes pode ser aplicada” (1920/1972, p.39). No inconsciente, encontram-se materiais que foram excluídos da consciência, censurado e reprimido, os quais afetam indiretamente a consciência e não perdem sua força emocional (FADIMAM; FRAGER, 1986).

Esse processo psíquico é a base da psicanálise. Conforme Elzirik; Aguiar, Schesatsky (2008), o método psicanalítico explora o inconsciente para desvendá-lo e entender sua influência no comportamento humano. Os comportamentos e os sintomas dos indivíduos, segundo Gabbard (2006), são manifestações externas de seus processos inconscientes. Dessa forma, o homem vive seu dia a dia como se tivesse liberdade de escolha, porém é muito mais limitado do que imagina. Suas escolhas amorosas, vocacional e de lazer, por exemplo, não são feitas ao acaso, elas são moldadas pelas forças inconscientes.

Interessantemente, o inconsciente também pode ser percebido em personagens de obras literárias. Dessa forma, se esse sistema mental pode ser encontrado em alguns seres ficcionais, então é possível encontrar as causas ocultas de seus comportamentos.

Sabe-se que pessoas e personagens não são a mesma coisa. A matéria e o espaço que estes habitam são diferentes do que aqueles habitam. Os personagens existem apenas nas palavras, sua realidade é ficcional. Contudo, não se pode negar que essas duas realidades mantêm um relacionamento íntimo, pois esses “seres” inventados representam pessoas (BRAIT, 2004). Além disso, pode-se “fazer afirmações verdadeiras sobre eles porque aquilo que lhes acontece está no texto” (ECO, 2003, p.15).

Na obra, *Helena*, o personagem protagonista Estácio apresenta claramente comportamentos motivados por forças inconscientes. Ele se apaixona por Helena, mas não tem consciência disso. O fato é que ele reprime essa ideia no inconsciente, já que, na sua sociedade, não é permitido relacionamento amoroso entre irmãos. Entretanto, mesmo sem ter consciência disso, os comportamentos que o rapaz apresentava não negavam esse amor. Como exemplo, o ciúme que tinha da irmã e quando tentou persuadir Mendonça a não se casar com Helena. Abaixo um trecho do livro que revela isso:

Naquela noite, a segunda de tão extraordinários sucessos, foi que Estácio sentiu toda a violência do amor que lhe inspirara Helena. Enquanto os detinha um vínculo sagrado, amara sem consciência; e ainda depois de esclarecido pelo padre, o esforço empregado em vencer-se e a própria natureza da catástrofe não lhe permitiram ver a extensão do mal. Agora, sim; roto o vínculo, restituída a verdade, ele conhecia que a voz da natureza, mais sincera e forte que as combinações sociais, os chamava um para o outro, e que a mulher destinada a amá-lo e ser amada era justamente a única que as leis sociais lhe vedavam possuir (ASSIS, 1976/2012, p.210).

Diferentemente de Estácio, os motivos inconscientes dos comportamentos de Helena, personagem principal da obra homônima, não estão explícitos no romance. Dessa forma, o que se buscará nesta análise é compreender os sentidos ocultos de seu comportamento.

## **4 ANÁLISE DA OBRA**

Para facilitar a análise da psicodinâmica da personagem Helena, dividiremos a obra *Helena* em três partes: antes da revelação, a revelação e após a revelação. É relevante ressaltar que essa revelação diz respeito à descoberta da verdadeira identidade da protagonista.

Sabe-se que, do capítulo I ao XXIII, nada é sabido sobre a verdadeira origem de Helena apenas suas características físicas, psicológicas e algumas prendas. Além disso, nesses capítulos, o comportamento e as emoções da protagonista, muitas vezes, eram inexplicáveis, o que deixa o leitor em dúvida sobre ela. Sua identidade verdadeira só será revelada nos capítulos XXIV, XXV e XXVI, quando Helena diz que Salvador era seu pai Biológico, e este conta toda a história da filha. Após essa descoberta, Helena adoece e, no último capítulo, – XXVIII – morre.

### **4.1 ANTES DA REVELAÇÃO**

#### **4.1.1 O CARÁTER SUSPEITO DE HELENA**

Ao analisar a obra, percebe-se que a personagem Helena foi construída de forma a levar o leitor a suspeitar de seu caráter. Entende-se como caráter “os traços psicológicos, as qualidades, o modo de ser, sentir e agir de um indivíduo”

(AURÉLIO, 2010, p.139). Machado, ao descrever Helena, atribuiu à moça características boas para a sociedade da época, mas também faz o leitor duvidar de suas intenções.

A primeira descrição de Helena, na obra, ocorreu no segundo capítulo quando Estácio perguntou para Camargo se ele a conhecia. A resposta do médico foi: “— Vi-a três ou quatro vezes, disse este no fim de alguns segundos; mas era então muito criança. Seu pai falava-me dela como de pessoa extremamente afetuosa e digna de ser amada e admirada. Talvez fossem olhos de pai” (ASSIS, 1876/2012, p.58).

Essa resposta pode causar dúvida quanto ao caráter de Helena. O leitor poderá se perguntar se a protagonista era afetuosa e digna de ser amada e admirada, já que Camargo diz que essas características “talvez fossem olhos de pai”. Outra descrição da moça de mesma magnitude ocorre no terceiro capítulo por meio do exame minucioso de Estácio:

Era uma moça de dezesseis a dezessete anos, delgada sem magreza, estatura um pouco acima de mediana, talhe elegante e atitudes modestas. A face, de um moreno-pêssego, tinha a mesma imperceptível penugem da fruta de que tirava a cor; naquela ocasião tingiam-na uns longes cor-de-rosa, a princípio mais rubros, natural efeito do abalo. As linhas puras e severas do rosto parecia que as traçara a arte religiosa. Se os cabelos, castanhos como os olhos, em vez de dispostos em duas grossas tranças lhe caíssem espalhadamente sobre os ombros, e se os próprios olhos alçassem as pupilas ao céu, disséreis um daqueles anjos adolescentes que traziam a Israel as mensagens do Senhor. Não exigiria a arte maior correção e harmonia de feições, e a sociedade bem podia contentar-se com a polidez de maneiras e a gravidade do aspecto. Uma só coisa pareceu menos aprazível ao irmão: eram os olhos, ou antes o olhar, cuja expressão de curiosidade sonsa e suspeitosa reserva foi o único senão que lhe achou, e não era pequeno (ASSIS, 1976/2012, p.64).

Nessa descrição, as características físicas de Helena são bem detalhadas, era uma criatura bela, porém a única particularidade da moça que não era apraz para Estácio eram os olhos dissimulados, os quais lhe causavam suspeita. Por meio dessas descrições, logo nos capítulos iniciais, o leitor não sabe se o caráter de Helena era honesto.

Mais adiante, no quarto capítulo, o narrador pronuncia as qualidades naturais da protagonista:

Helena tinha os predicados próprios a captar a confiança e a afeição da família. Era dócil, afável, inteligente. Não eram estes, contudo, nem ainda a beleza, os seus dotes por excelência eficazes. O que a tornava superior e lhe dava probabilidade de triunfo era a arte de acomodar-se às circunstâncias do momento e a toda a casta de espíritos, arte preciosa, que faz hábeis os homens e estimáveis as mulheres. Helena praticava de livros ou de alfinetes, de bailes ou de arranjos de casa, com igual interesse e gosto, frívola com os frívolos, grave com os que o eram, atenciosa e ouvida, sem entono nem vulgaridade. Havia nela a jovialidade da menina e a compostura da mulher feita, um acordo de virtudes domésticas e maneiras elegantes (ASSIS, 1976/2012, p.68/69).

Essas características conferem uma Helena cheia de virtudes. A sua principal qualidade é acomodar-se às circunstâncias do momento. Tem-se, então, uma Helena possuidora de um ego adaptável, cuja função admirável é a plasticidade. Entretanto, ter a capacidade de se adaptar às circunstâncias pode levar o leitor a enxergá-la como astuciosa. Outro ponto interessante é a capacidade de Helena conquistar a confiança e a afeição da família. Apesar dessa característica ser valorizada, o leitor também não sabe qual é a verdadeira intenção de Helena ao querer conquistar a família.

Logo em seguida, são citadas algumas prendas de Helena, as quais, conforme o próprio narrador, tornavam-na aceita pela sociedade:

[...] Era pianista distinta, sabia desenho, falava correntemente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana. Entendia de costura e bordados e toda a sorte de trabalhos feminis. Conversava com graça e lia admiravelmente. Mediante os seus recursos, e muita paciência, arte e resignação, — não humilde, mas digna, — conseguia polir os ásperos, atrair os indiferentes e domar os hostis. (ASSIS, 1976/2012, p.68/69).

Helena era culta e sabia conquistar o outro, o que a caracteriza como não ingênua. De um modo geral, por meio dessas descrições, enxerga-se uma Helena jovem, bonita, inteligente, leitora, adaptável, educada, persuasiva. Apesar de todas essas características serem apresentadas ao leitor, ele ainda não sabe quem é Helena, sua origem, nem qual é a sua intenção.

Curiosamente, não só essas descrições apresentam uma Helena misteriosa, mas também seus comportamentos, suas atitudes, a sua interação social. Isso é o que se percebe em muitas passagens do livro:

a) Capítulo VIII - Helena leu uma carta longa de quatro laudas, porém não se sabe quem é o remetente (ASSIS, 1976/2012).

b) Capítulo IX - quando Estácio perguntou-lhe se ela amava, Helena respondeu que muito, entretanto não deu explicações (ASSIS, 1976/2012).

c) Capítulo XII - Camargo, querendo a ajuda de Helena para casar sua filha com Estácio, a chantageou dizendo: “- Dizia que muito se devia esperar da dedicação de uma moça, que acha meio de visitar às seis horas da manhã uma casa velha e pobre, não tão pobre que a não adorne garridamente uma flâmula azul...” (ASSIS, 1976/2012, p.120/121).

d) Capítulo XVII: o filho do coronel-major disse a Mendonça que o apelido de Helena era andorinha viajante porque ela sai à rua todos os dias logo cedo (ASSIS, 1976/2012).

e) Capítulo IX – Estácio viu Vicente e Helena saindo de trás de uma casa velha (ASSIS, 1976/2012).

Quem é o remetente da carta? Quem Helena ama? De quem é essa casa velha, e o que Helena faz nesse lugar? Por que saía à rua todos os dias logo cedo? Essas perguntas foram respondidas mais adiante na obra: a carta provavelmente era de seu pai biológico; Helena amava Estácio; e a casa pertencia ao seu verdadeiro pai, o qual Helena ia visitar logo cedo pela manhã. Diferentemente, aquela dúvida sobre o caráter da protagonista não é esclarecida no decorrer da obra, o que pode levar o leitor se perguntar se Helena era dissimulada.

#### **4.1.2 O CONFLITO PSÍQUICO DE HELENA**

Algumas vezes, Helena se sentiu triste, entretanto não foram revelados para o leitor os reais motivos desse sentimento. Em três momentos, antes da revelação de sua verdadeira identidade, Helena ficou melancólica: a primeira foi durante um passeio a cavalo com Estácio. Eles foram até uma casa velha; ao retornar para casa, Helena estava “taciturna e pensativa” (ASSIS, 1976/20102, p.86); a segunda vez foi quando Helena leu uma carta. Depois disso, “O sobrinho apareceu aborrecido, a sobrinha triste” para o almoço (ASSIS, 1976/2012, p.99). Após o almoço, “De pé, encostado a uma das vidraças da sala de visitas, via cair as grossas toalhas de água. Ao lado estava sentada Helena, não alegre, mas taciturna e melancólica” (ASSIS, 1976/2012, p.100); e a Terceira ocorreu quando Helena e

Vicente foram à casa da bandeira azul, mas não havia ninguém, e ela voltou para casa “triste e pensativa” (ASSIS, 1976/2012, p.134).

Não se sabe exatamente os reais motivos dessa tristeza, mas percebe-se que a casa da bandeira azul e a carta propiciaram esse sentimento. Uma vez Estácio indagou Helena sobre sua tristeza:

— Helena, isso que você acaba de dizer... Vamos, estamos sós; confesse alguma tristeza que tenha.

— Nenhuma, respondeu a moça. Peço-lhe, entretanto, uma coisa.

— Diga.

— Peço-lhe que me comunique todas as más impressões que tiver a meu respeito. Explicarei umas, procurarei desvanecer-lhe outras, emendando-me. Sobretudo, peço-lhe que escreva em seu espírito esta verdade: é que sou uma pobre alma lançada num turbilhão.

[...]

— Helena, explique-me suas palavras de há pouco.

— Quais?

E como Estácio levantasse os ombros, com ar de despeito, continuou Helena:

— Perdoe-me; a pergunta não tem nem podia ter outra resposta mais do que a simples recusa. Não lhe direi mais nada. Nunca se devem fazer meias confissões; mas, neste caso, a confissão inteira seria imprudência maior. Se se tratasse de fatos, creia que a ninguém melhor podia confiá-los do que a você; mas por que motivo irei perturbar-lhe o espírito com a narração de meus sentimentos, se eu própria não chego a entender-me? (ASSIS, 1976/2010, p.87/88).

Quando Helena diz “é que sou uma pobre alma lançada num turbilhão” e “se eu própria não chego a entender-me”, percebe-se que há na personagem um conflito psíquico, e por isso ela está sofrendo. Conforme Laplanche (2001), na psicanálise, fala-se de conflito quando exigências internas contrárias se opõem no sujeito. Segundo o teórico, o conflito pode ser manifesto ou latente e exprime-se por meio de formação de sintomas, desordens do comportamento, perturbações do caráter, etc. Para entender o conflito psíquico de Helena, é necessário analisar a sua história, a qual é revelada nos capítulos XXIV, XXV e XXVI.

## 4.2 A REVELAÇÃO

O mistério de *Helena* é revelado no vigésimo quarto capítulo, quando Helena entrega para o padre uma carta, cujo conteúdo subtende-se que o conselheiro do Vale não era seu pai biológico. Essa ação da moça só ocorreu depois

de Estácio a vê saindo da casa velha com Vicente. Na carta, encontram-se as seguintes palavras:

“Minha boa filha. Sei pelo Vicente que alguma coisa aí há que te aflige. Presumo adivinhar o que é. O Estácio esteve comigo, logo depois que daqui saíste a última vez. Entrou desconfiado, e deu como razão ou pretexto a necessidade de curar algumas feridas feitas na mão. Talvez ele próprio as fizesse para entrar aqui em casa. Interrogou-me; respondi conforme pedia o caso. Supondo que ele soubesse de tuas visitas, não lhe ocultei a minha pobreza; era o meio de atribuí-las a um sentimento de caridade. Escreve-me. — *Salvador.*” “*P.S. Recebi o teu bilhete. Pelo amor de Deus, não faças nada; não saias daí; seria um escândalo.*” (ASSIS, 1976/2012, p. 190/191).

#### 4.2.1 O CULPADO

Helena, quando entrega essa carta, diz para o padre: “— Lido esse papel, estão rotos os vínculos que me prendem a esta casa. A culpa do que me acontece, não é minha, é de outros; aceitarei contudo as consequências” (ASSIS, 1976/2012, p.191). Esses “outros” que Helena culpa são o conselheiro Vale; sua mãe, Dona Ângela; e seu pai, Salvador. Em um diálogo com Estácio, Helena diz: “Seu pai e minha mãe não tiveram outro pensamento; meu próprio pai foi levado do mesmo impulso, quando me obrigou a ser cúmplice de uma generosa mentira.” (ASSIS, 1976/2012, p.215).

Nos capítulos seguintes, XXV e XXVI, Salvador, pai biológico de Helena, quando narra a história da filha para Estácio e o padre Melchior, também deixa claro que a Helena não é culpada e que agiu por obediência:

Helena resistiu até à última; cedeu somente à necessidade da obediência, à imagem de sua mãe que eu invoquei, [...]. Se nesse ato decisivo de Helena há culpa, é toda minha, porque, eu fui o autor único; ela não passou de simples instrumento, instrumento rebelde e passivo (ASSIS, 1976/2012, p. 205).

Fica claro que a ideia de aceitar a herança e sustentar a mentira para a família de Estácio foi de Salvador. Helena não se sente culpada e o seu pai se considera o único autor. Salvador sempre quis que a filha estivesse numa posição social elevada e para isso anulou sua paternidade.

#### 4.2.2 A ANULAÇÃO DA PATERNIDADE

Salvador explicou, para Estácio e o padre Melchior, como o conselheiro Vale passou a considerar Helena como filha. Segundo ele, quando Helena tinha seis anos, Ângela, mãe da menina, o abandonou para viver com o conselheiro, inicialmente disse ser separada e, depois, que ele, Salvador, havia morrido. Um dia, Salvador querendo arrebatá-la, foi até a casa de Ângela. Ao chegar lá, viu Helena no colo do conselheiro perguntando-lhe quando seu pai viria. Depois disso, Salvador desiste de sua paternidade:

Ele beijava-lhe as mãozinhas e dizia-lhe: “Se papai foi para o céu, fiquei eu no lugar dele, para dar-te muito beijo, muito doce e muita boneca. Queres ser minha filha?” A resposta de Helena foi a do náufrago; estendeu-lhe os braços em volta do pescoço, como se dissesse: “Se não tenho ninguém mais no mundo!” O gesto foi tão eloquente que eu vi borbulhar uma lágrima nos olhos do conselheiro. Essa lágrima decidiu do meu destino; vi que ele a amava, e de todos os sacrifícios que o coração humano pode fazer, aceitei o maior e mais doloroso: eliminei a minha paternidade, desisti da única herança que tinha na terra, força da minha juventude, consolo de minha miséria, coroa de minha velhice, e voltei à solidão mais abatido que nunca! (ASSIS, 1976/2012, p. 200).

Posteriormente, Salvador, mesmo querendo estar com a filha, renunciou seu desejo para que ela pudesse estar naquela posição social. Uma vez, quando ela tinha 12 anos, ele a encontrou; Helena o reconheceu e o abraçou; logo depois ele disse:

“Sei que morri, disse eu, e não pretendo ressuscitar.” Depois voltei-me para Helena: — “Minha filha, faze de conta que me não viste; morri para ti e para o mundo. Teu pai é outro. Prometes que não dirás nada?” Helena fez um leve sinal de cabeça e beijou-me a mão a furto, como se não quisesse ser vista de Ângela. Nesse simples gesto reconheci que ela ia obedecer-me; mas a tristeza que lhe ficou, foi o castigo de sua mãe. Pedíamos à natureza mais do que ela podia dar. (ASSIS, 1976/2012, p. 203).

Apesar de ele dizer isso, depois da morte de Ângela, passou a conversar com Helena por meio de cartas. Entretanto, quando o conselheiro morreu, descobriu que a filha foi colocada no testamento e, mesmo querendo tê-la, tentou persuadi-la a aceitar a herança em prol do benefício financeiro:

Tê-la comigo era a minha ventura, o meu sonho, a minha ambição; era a realidade que eu chegara a tocar com as mãos. Mas, podia atá-la ao carro decrépito da minha fortuna, dar-lhe o pão amargo de todos os dias? A família do conselheiro ia afiançar-lhe futuro, respeito, prestígio; a lei ia ampará-la. Perguntei a mim mesmo se, depois de haver morrido para o mundo, me era lícito o ressuscitar para reclamar e reaver um título de que me havia despojado; finalmente, se possuía já o direito de fazer um escândalo (ASSIS, 1976/2012, p.204).

#### **4.2.3 HIPÓTESES SOBRE O CONFLITO DE HELENA**

Pode-se, por meio dessas revelações, obter algumas hipóteses para o conflito psíquico de Helena, o que permitirá a compreensão de seus sentimentos melancólicos. Considerando-se o relato de Salvador, têm-se as seguintes informações: Helena é um instrumento usado pelo pai para obtenção de ascensão social, cuja beneficiária é ela mesma, para isso ele teve que abdicar de sua paternidade; e Helena não planejou a usurpação, Salvador foi o único autor.

Além disso, sabe-se que o que gerava a tristeza em Helena era a casa velha e a carta, e estas estão relacionadas ao pai e à situação (a mentira). Com isso, obtiveram-se duas hipóteses para o conflito de Helena:

##### **a) Consciência moral x comportamento**

Trata-se de um conflito manifesto, ou seja, Helena tinha consciência da situação. Ela não estava agindo de acordo com seus princípios morais, e isso a fazia sofrer. No caso, ela foi obrigada pelo pai a mentir e a aceitar a herança.

##### **b) Id x superego**

É o conflito inconsciente. No caso de Helena, trata-se de um impulso em oposição a uma consciência internalizada das exigências da realidade externa. Helena deseja inconscientemente a ascensão social (id), entretanto seu superego reprova essa atitude. Para lidar com esse sofrimento, seu ego usa os mecanismos de defesa de negação - Helena não acredita ter esse desejo; e racionalização - diz que só mentiu porque foi obrigada. Todavia seu comportamento não nega esse desejo, como, por exemplo, quando tenta conquistar a família e, conseqüentemente, sua ascensão social.

#### **4.3 APÓS A REVELAÇÃO**

A descoberta da verdadeira identidade de Helena causou-lhe dois tipos de sentimentos: remorso e, principalmente, vergonha. Além desses sentimentos, Helena apresentou sintomas da melancolia, teve ideações suicidas e somatização. O desfecho de tudo isso foi sua morte.

O narrador deixou claro que, depois de ser desvelado o mistério de Helena, esta apresentou sentimentos de vergonha e remorso, como mostra o trecho abaixo:

— Herdou o orgulho do pai! murmurou Estácio.  
A frase foi dita em voz baixa, mas Helena ouviu-a, e seus olhos fulgiram de momentânea satisfação. *Atribuir a orgulho o que era vergonha e remorso*, dava-lhe certa superioridade que a moça julgava não ter naquele lance (ASSIS, 1976/2012, p.208).

#### 4.3.1 O REMORSO

Segundo Nunberg (1989), o remorso é um arrependimento atormentador por um ato cometido, o qual pressiona no sentido de desfazer o que ocorreu. Aurélio (2010) diz que esse arrependimento pode ser por culpa ou crime. Helena diz:

*Cometi um erro, e devo expiá-lo.* Enquanto a vergonha vivia só comigo, era possível continuar nesta casa; eu atordoava-me para esquecê-la; mas agora que é patente, vê-la-ei nos olhos de todos e no sorriso de cada um. *Peço-lhes que me perdoem e me deixem ir!* Não deveria ter entrado, é certo (ASSIS, 1976/2012, p.208).

Nesse trecho percebe-se que Helena, pressionada pelo seu sentimento de remorso, tenta desfazer o que ocorreu: ela deseja ir embora da casa para reparar seu erro. Esse remorso trata-se de um arrependimento por crime e não por culpa. Ela cometeu o ato de usurpação porque foi obrigada pelo seu pai (de acordo com o relato de Salvador), por isso ela não se sente culpada, tanto que, ao entregar a carta de seu pai para o padre Melchior, diz não ter culpa do que aconteceu.

#### 4.3.2 A VERGONHA

A vergonha é um sentimento de origem narcísica que causa sofrimento e incômodo. Ela surge quando o olhar do outro vê o que não deveria ser visto (BILENKY, 2014). Esse sentimento:

regula o valor da imagem de si diante do outro, seja este real, ou ideal. Quando aparece no espaço público, a vergonha está geralmente atrelada à projeção de uma imagem desqualificada e que deveria permanecer escondida para o mundo exterior. Esta seria — ou poderia ser — captada pelo olhar de um outro que, potencialmente, a devolveria ao sujeito, rebaixando-o diante de seus ideais (VENTURI; VERZTMAN, 2012, p.122).

Dessa forma, a maior preocupação de um sujeito envergonhado é a sua imagem após um acontecimento vergonhoso. Segundo Venturi; Verztman (2012), a produção dessa imagem não é solitária, ela é compartilhada com os membros da mesma sociedade. Para esses autores, o valor atribuído a essa imagem é que está em jogo.

Helena se sentiu envergonhada por ter mentido. Conselheiro Vale a reconheceu como filha natural em seu testamento, e ela sustentou essa mentira. A protagonista sofreu por considerar que a sua posse na herança é fraudulenta. “A moça agradecia a generosidade, mas não podia fugir à ideia de haver contribuído para a usurpação” (ASSIS, 1976/2012, p.211). Entretanto, o que está em jogo é a sua imagem perante o outro. Depois dessa revelação, pode-se encontrar várias características da vergonha em Helena.

Segundo Bilenky (2014), esse sentimento pode provocar reações fisiológicas, como o rubor inoportuno. Como aconteceu com Helena ao encontrar Estácio depois de sua farsa ser descoberta: “Chamada a ouvi-los, Helena desceu daí a alguns minutos. A cor da vergonha tingiu-lhe a face, logo que ela deu com Estácio, que a esperava, ao lado de Melchior, ambos calados, mas sem nenhum vislumbre de irritação” (ASSIS, 1976/2012, p.208).

A vergonha não se manifesta logo após o ato vexatório, mas sim depois da exposição pública desse ato (VENTURI; VERZTMAN, 2012). Em Helena, a vergonha só emergiu quando Estácio, padre Melchior e Dona Úrsula descobriram a verdade a seu respeito, e não enquanto ela estava vivendo a farsa:

Enquanto a vergonha vivia só comigo, era possível continuar nesta casa; eu atordoava-me para esquecer-la; mas agora que é patente, vê-la-ei nos olhos de todos e no sorriso de cada um. Peço-lhes que me perdoem e me deixem ir! Não deveria ter entrado, é certo (ASSIS, 1976/2012, p.208).

Nesse trecho também se percebe que Helena deseja desaparecer. Bilenky (2014) diz que a vergonha jamais é esquecida e, para evitar a dor, o sujeito usa como estratégia a evitação. No caso, Helena, para evitar o sofrimento causado pela vergonha, pede para ir embora da casa de Estácio, assim evitará o olhar da família e do padre: “Peço-lhes que me perdoem e me deixem ir!” (p.208).

Outra característica do sujeito envergonhado é que ele não se importa com o que os outros pensam efetivamente a seu respeito, mas com o que ele acredita que o outro pensa dele (VENTURI; VERZTMAN, 2012). Da mesma forma, Helena, depois que o seu segredo foi revelado, fantasiou que Estácio e Dona Úrsula sempre a veriam como aventureira e não acreditou que eles entenderam a situação e a perdoaram:

— Amar-me-ão sempre? perguntou Helena.  
 — Oh! sempre!  
 — Impossível! Há uma voz no fundo de seu coração, que lhe dirá, de quando em quando, esta triste palavra: aventureira!  
 — Helena!  
 — Não posso ser outra coisa a seus olhos, prosseguiu a moça, tristemente.  
 Quem o convencerá de que a declaração de seu pai não foi obtida por artifício de minha mãe? Quem lhe dará a prova de que, cedendo aos rogos de meu pai, não fiz mais do que executar um plano preparado já? São dúvidas que lhe hão de envenenar o sentimento e tornar-me suspeita a seus olhos. Resista quem puder; é-me impossível encarar semelhante futuro! (ASSIS, 1976/2012, p.214).

A vergonha foi o principal sentimento de Helena após a revelação de sua verdadeira identidade. O que incomodou Helena foi justamente a sua imagem perante Estácio, Dona Úrsula e o padre Melchior. Esse sentimento a fez sofrer, causando-lhe sintomas homólogos ao da melancolia.

Freud, em *Luto e melancolia* (1917/1972), compara a melancolia com o luto. Conforme o teórico, no luto, o sujeito sofre por uma perda consciente, já na melancolia, sofre pela perda de um objeto inconsciente. No caso de Helena, o que ela perde é aquela imagem valorizada. De acordo com Costa (2012),

a depressão da vergonha não é correlata à culpa por um dano real ou imaginário causado ao outro e sim ao sentimento de insuficiência diante do desejo atribuído ao outro. O sujeito não se sente à altura do que o outro pretensamente espera dele e, por isso, se apropria de marcas pessoais como motivo e justificação da insuficiência. A marca é o traço “vergonhoso” destinado a encampar a vida subjetiva como

uma sombra maligna imposta ao ego, homóloga à sombra do objeto que cai sobre o sujeito melancólico (COSTA, 2012, p.10).

A melancolia de Helena, que é a melancolia da vergonha, não corresponde diretamente ao fato dela ter contribuído para a usurpação, mas sim pelo seu sentimento de insuficiência diante do desejo atribuído ao outro. Ela acredita não corresponder ao que Estácio e Dona Úrsula esperam dela, por isso ela sofre e tem sintomas semelhantes ao da melancolia. Trata-se de um narcisismo ferido.

Segundo Freud (1917/1972), a melancolia é uma doença marcada pelo desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade e uma diminuição dos sentimentos de autoestima. Os melancólicos, conforme Nunberg (1989), se cobrem de recriminação, demonstram pouco apreço por si mesmos e antecipam, em delírios, algum tipo de punição. Em Helena, percebem-se alguns desses sintomas.

a) Ela estava profundamente abatida: “Ela deixou o padre para recolher-se aos aposentos. Quando D. Úrsula ali foi, meia hora depois, achou-a profundamente abatida” (ASSIS, 1976/2012, p.212).

b) Havia nela um desinteresse pelo mundo externo: “As instâncias de D. Úrsula para que Helena se alimentasse foram inúteis; ela apenas recebia o que bastava para não sucumbir à fome. A companhia repugnava-lhe; assim, poucas vezes a viram desde os dias que se seguiram àquela funesta manhã” (ASSIS, 1976/2012, p.212).

c) Recriminação, pouco apreço e punição: “— Não hesito, replicou Helena; em tais situações, uma criatura, como eu, caminha direito a um rochedo ou a um abismo; despedaça-se ou some-se. Não há escolha” (ASSIS, 1976/2012, p.190).

A vergonha é um sentimento cruel, pois o indivíduo envergonhado acredita que só pode ser amado se sua imagem estiver próxima ao do ideal de eu (BILENKY, 2014). De acordo com Venturi; Verztman, 2012, a vergonha faz o sujeito se sentir desprezível, vulnerável, desarmado - um alvo ideal para os sadismos alheios - e que, dessa forma, “o desaparecimento é, de fato, a única vontade condizente com um narcisismo tão duramente golpeado.” (p.140).

Helena queria desaparecer, ir embora daquela casa, mas não foi possível. Quando Estácio revelou-lhe que prevaleceria a vontade do conselho Vale e que, por isso, ela permaneceria na casa, Helena “mordeu o lábio com desesperação, mas não respondeu. A cabeça descaiu-lhe lentamente como ao peso de uma ideia, a mais e mais opressora” (ASSIS, 1976/2012, p.209).

Helena não conseguiu ir embora de casa de Estácio, mas ainda tinha esperança de fazê-lo. Entretanto, quando descobriu que seu pai fugiu para ela não perder “a consideração e o futuro” (ASSIS, 1976/2012, p.211), sua única esperança desaparece. Helena diz:

[...] Há criaturas tão malfadadas que aqueles mesmos que as desejam fazer venturosas não alcançam mais do que preparar-lhes o infortúnio. Tal foi meu destino. Seu pai e minha mãe não tiveram outro pensamento; meu próprio pai foi levado do mesmo impulso, quando me obrigou a ser cúmplice de uma generosa mentira. Agora mesmo que ele me foge, com o fim único de me não tolher a felicidade, arranca-me o último recurso em que eu tinha posto a esperança... (ASSIS, 1976/2012, p.213).

Depois do desaparecimento do pai, pode-se dizer que a única estratégia encontrada por Helena para desaparecer foi a morte. De acordo com Gree (1988) apud Bilenky (2014), o caráter destrutivo do sentimento da vergonha é bem maior que o da culpa, pois não se trata do temor de ser castrado, mas da ideia da castração como algo insuportável. Essa importância atribuída à vergonha é devido a desintrinsicção do narcisismo em relação ao vínculo objetal e, “como toda desintrinsicção favorece a pulsão de morte, o suicídio por vergonha pode ser mais bem compreendido”. Há uma passagem no livro, após o desaparecimento do pai de Helena, que deixa dúvida se ela planejava se matar:

Helena tinha uma taquara na mão; Estácio quis tomar-lha; ela arremessou-a para longe. Ergueu-se então o moço e foi buscá-la; só então viu que estava molhada até certa altura; calculou que seria o fundo do tanque. O tanque era raso; não poderia dar a morte; mas, a suspeita de que Helena não recuaria diante do suicídio, aterrou naturalmente o espírito de Estácio. [...] Esta desviou os olhos e cravou-os na água, fascinada e absorta. A ideia do suicídio roçaria deveras sua asa invisível pela frente da moça? (ASSIS, 1976/2012, p.213).

É fato que, em Helena, há o desejo de morrer. Quando ela estava do lado de fora da casa, na chácara, começou a chover, Estácio a chamou para entrar, mas ela se recusou e disse: “— Deixe-me morrer! murmurou ela” (ASSIS, 1976/2012, p.215).

### 4.3.3 A MORTE

Helena adoeceu e morreu. O processo de adoecimento iniciou-se quando Estácio, Dona Úrsula e o padre Melchior descobriram a verdadeira origem da moça. O seu organismo debilitou-se “pelas vigílias e comoções das últimas horas” (ASSIS, 1976/2012, p.208). Segundo Freud (1905/1972), o orgânico e o psíquico são indissociáveis e que, por isso, o homem, face à dor psíquica, pode criar doenças psicossomáticas. Em Helena, a vergonha causou-lhe uma dor psíquica que, por sua vez, a fez adoecer, e esse adoecimento a levou a morte. A morte de Helena:

Voltaram à alcova da enferma. Esta fechara os olhos, como se dormisse. Houve então entre aquelas quatro paredes meia hora de silêncio, interrompido apenas, de quando em quando, pelos movimentos que a doente fazia, como a querer mudar de posição. No fim deste tempo, abriu os olhos e murmurou algumas palavras. Chegou o médico, viu-a e desenganou a família. Enquanto Melchior dava as ordens precisas para que Helena tivesse os socorros espirituais, Estácio saiu dali, para ir, longe, desabafar o desespero; [...] Um escravo veio chamar Estácio à pressa; ele subiu trôpego as escadas, atravessou as salas, entrou desvairado no quarto, e foi cair de joelhos, quase de bruços, junto ao leito de Helena. Os olhos desta, já volvidos para a eternidade, deitaram um derradeiro olhar para a terra, e foi Estácio que o recebeu, — olhar de amor, de saudade e de promessa. A mão pálida e transparente da moribunda procurou a cabeça do mancebo; ele inclinou-a sobre a beira do leito, escondendo as lágrimas e não se atrevendo a encarar o final instante. Adeus! — suspirou a alma de Helena, rompendo o invólucro gentil. Era defunta (ASSIS, 1976/2012, p.217).

A causa da morte de Helena foi uma doença não especificada na obra *Helena* (1976/2012). Entretanto, pode-se dizer que o motivo inconsciente dessa morte foi a vergonha. Como já citado anteriormente, o envergonhado usa como estratégia a evitação, Helena queria ir embora da casa, mas não foi possível, então a sua morte foi sua única saída.

## 5 CONCLUSÃO

As intenções e o caráter da personagem Helena não foram revelados explicitamente por Machado de Assis, o que pode levar a diversos tipos de interpretações, inclusive controversas. O que não foi dito na obra e, conseqüentemente, pode levar a leituras diferentes, é, por exemplo, se Helena pretendia a ascensão social, e o que está por trás de sua morte.

Por meio desta análise, verificou-se que a ideia de aceitar a herança e sustentar a mentira para a família de Estácio foi de Salvador. Helena não se sente culpada por isso, e o seu pai se considera o único autor. Ele sempre quis que a filha estivesse numa posição social elevada e para isso até anulou sua paternidade.

Pode-se dizer que essa situação provocou em Helena dois tipos de conflito: um manifesto (consciência moral x comportamento) e outro latente (id x superego). No primeiro, o conflito aconteceu pelo fato de Helena não agir de acordo com seus princípios morais. No caso, ela foi obrigada pelo pai a mentir, a aceitar a herança. No segundo, observou-se um desejo inconsciente de ascensão social, o qual foi reprovado pelo seu superego. Para lidar com esse sofrimento, seu ego usou os mecanismos de defesa de negação - Helena não acreditava ter esse desejo; e racionalização - disse que só mentiu porque foi obrigada. Todavia seu comportamento não negava esse desejo, como, por exemplo, quando tentou conquistar a família de Estácio e, conseqüentemente, sua ascensão social.

Quando a farsa de Helena foi desmascarada, ela apresentou dois tipos de sentimentos: remorso e, principalmente, vergonha. Além desses sentimentos, Helena apresentou sintomas semelhantes ao da melancolia e somatizou. O desfecho de tudo isso foi sua morte.

O remorso de Helena trata-se de um arrependimento por crime e não por culpa. A vergonha foi o sentimento que mais se destacou na personagem. Várias características da vergonha foram encontradas em Helena:

- a) Reação fisiológica – rubor.
- b) Desejo de desaparecer.
- c) Não se importar com o que os outros pensam efetivamente a seu respeito, mas com o que ele acredita que o outro pensa dele.
- d) Sintomas homólogos ao da melancolia (profundo abatimento, desinteresse pelo mundo externo, recriminação, pouco apreço e punição).

A vergonha de Helena causou-lhe uma dor psíquica que, por sua vez, a fez adoecer. Posteriormente, quando Helena descobriu que seu pai havia fugido, ela perdeu a esperança, e sua doença piorou. Dessa forma, como todo envergonhado deseja desaparecer, e ela não conseguiu ir embora da casa de Estácio, sua única saída foi a morte.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. **Helena**. Porto Alegre: L&PM, 1876/2012.

**AURÉLIO**, o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2010.

Brait, B.. **A personagem**. São Paulo: Ática, 2004.

BILENKY, Marina K. **Vergonha**: sofrimento e dignidade. 2014. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31062014000200012](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062014000200012)>. Acesso em: 11 abr. 2016.

CAMARGO, Fábio Figueiredo. **A escrita dissimulada**: Um estudo de Helena, Dom Casmurro e Esaú e Jacó, de Machado de Assis. Belo Horizonte: Edição do Autor, 2005.

COSTA, Jurandir FREIRE. **Os sobrenomes da vergonha**: melancolia e narcisismo. In: Sofrimentos narcísicos. 2012 Disponível em: <<http://nepecc.psicologia.ufrj.br/files/livrosufrimentosnarcisicos.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

Eco, Umberto. **Sobre literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

EIZIRIK, Cláudio; AGUIAR, Rogério; SCHESTATSKY, Sidnei. **Psicoterapia de orientação analítica**: fundamentos teóricos e clínicos. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FADIMAM; James; FRAGER, Robert. **Teorias da personalidade**. São Paulo: HARBRA, 1986.

FILHO, Wilton; BARROSO, Maria Veralice. **Epistemologia do Romance**: uma proposta metodológica possível para a análise do romance literário. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B3rYBdlpwpzbeHV6cFpHWkF5Yms/view>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

FREITAS, Luiz Alberto Pinheiro de. **Freud e Machado de Assis: uma interseção entre psicanálise e literatura**. 3ªed. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In:\_\_\_\_. Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1905/1972. V.7.

\_\_\_\_\_. **História do movimento psicanalítico, Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos**. In:\_\_\_\_. Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1914/1972. V.14.

\_\_\_\_\_. **Reflexões para os tempos de guerra e paz**. In:\_\_\_\_. Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1915/1972. V.14.

\_\_\_\_\_. **Luto e Melancolia**. In:\_\_\_\_. Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1917/1972. V.17.

\_\_\_\_\_. **Além do princípio de prazer, psicologia de grupos e outros trabalhos**. In:\_\_\_\_. Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1920/1972. V.18.

\_\_\_\_\_. **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos**. In:\_\_\_\_. Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1920/1972. V.22.

Gabbard, G. O. **Psiquiatria psicodinâmica na prática clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LIMA, Raymundo. **O Maniqueísmo: o Bem, o Mal e seus efeitos ontem e hoje**. 2001. Disponível em: < <http://www.espacoacademico.com.br/007/07ray.htm> >. Acesso em: 11 abr. 2016.

NUNBERG, H. **Princípios de Psicanálise**. Rio de Janeiro Livraria Atheneu Editora, 1989

PROENÇA, Domício. **A linguagem literária**. São Paulo: Ática, 2007.

SCHWARZ, Roberto. **Ao Vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

VENTURI, E.; VERZTMAN, J. **Interseções da vergonha**: cultura, subjetividade e clínica. **In: Sofrimentos narcísicos**. 2012 Disponível em: <<http://nepecc.psicologia.ufrj.br/files/livrosufrimentosnarcisicos.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2016.